

REFLEXÕES SOBRE A NARRATIVA ESCRAVA (EM LÍNGUA INGLESA) E OS ESCRITOS DE LUIZ GAMA

LUIZ GAMA'S WRITINGS ANALYZED UNDER THE SLAVE NARRATIVE LITERARY GENRE

Maria Clara Sales Carneiro Sampaio
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
mclarasampaio@unifesspa.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre alguns dos escritos do abolicionista Luiz Gama (1830-1882) sob a luz do gênero literário na narrativa escrava, (*slave narrative*) em inglês, existente nos Estados Unidos, no Reino Unido e em outros países com histórico de dominação colonial britânica. Enquanto documento histórico ou literário, as narrativas escravas, entre estudiosos e estudiosas, majoritariamente de língua inglesa, contam com robusto respaldo acadêmico e podem nos oferecer importantes contribuições para a leitura de textos escritos por pessoas escravizadas, libertas e/ou livres que envolvam reflexões sobre as experiências de exclusão e violência no Brasil escravista, bem como auxiliar nos estudos sobre as origens da literatura afro-brasileira.

Palavras-chave: Luiz Gama; Narrativa Escrava; Literatura Afro-brasileira; Abolicionismo.

Abstract: This article aims to reflect on the possibility of analyzing some of the texts written by the Brazilian abolitionist Luiz Gama (1830-1882) under some of the methods used to interpret the literary genre of the slave narratives. As a historic document or a literary text, that we believe are the origins African-Brazilian Literature, the investigation of slave narratives have amounted a substantial number of academic studies in English that could potentially aid the recent researches on the writings of enslaved, emancipated and free individuals that lived in Brazilian slave society.

Keywords: Slave narratives; Luiz Gama; African-Brazilian literature; Abolitionism.

A Narrativa Escrava como Gênero Literário

Nos Estados Unidos e no Reino Unido — e em outros países e localidades com histórico de dominação colonial britânica — as narrativas escravas (*slave narratives*) constituem um gênero literário que vêm ganhando mais e mais os interesses de historiadores e historiadoras em anos recentes¹. O referido gênero literário abarca, em geral, relatos biográficos e autobiográficos de mulheres e homens africanos ou afrodescendentes que foram submetidos ao tráfico e/ou à escravidão atlântica moderna. Esses relatos, a princípio, eram escritos pelos próprios indivíduos escravizados ou transmitidos, oralmente, para outras pessoas que se encarregavam de escrever.²

O gênero literário, em verdade, abrange grande variedade de experiências escravas. Muitas vezes, os autores e autoras das narrativas escravas eram nascidos livres nas Américas que, mais tarde, sofreriam processos ilegais de escravização. Esse foi o caso, por exemplo, de *Solomon Northup*, que publicou suas memórias em 1853 nos Estados Unidos. A obra de *Northup*, *12 anos de escravidão*, foi transformada em filme homônimo, em 2013, tornando-se uma das narrativas escravas mais populares na atualidade.³ Nos Estados Unidos, por exemplo, ainda há relatos que procuram concentrar suas reflexões a partir da extrema opressão social e racial a que mulheres e homens afro-americanos foram submetidos no pós-emancipação. Isso depois da Proclamação da Emancipação, de 1863, e da ratificação da 13ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos, de 1865, que tornaram a escravidão ilegal em todo país após a Guerra da Secessão (1861-1865).⁴

¹ O livro de Deborah Jensen, entre outras obras e autores/as, discute a questão da narrativa escrava escrita em francês no bojo da Revolução de São Domingo, no atual Haiti: JENSEN, Deborah. **Beyond the slave narrative: politics, sex and manuscripts in the Haitian Revolution**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011. Na presente pesquisa, temos nos concentrado nas narrativas em língua inglesa (e provenientes majoritariamente dos Estados Unidos).

² GATES Jr, Henry Louis e DAVIS, Charles Twitchell. Introduction: The Language of slavery. In: _____. **The Slave's Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. xi-xxxiv.

³ NORTHUP, Solomon. **12 years a slave**. Londres: Penguin Books, 2016.

⁴ Ver ANDREWS, William. Slave Narratives, 1865-1900. In: _____. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 219-233; e SCHWARTZ, Marie Jenkins. The WPA Narratives as Historical Sources. In: _____. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 89-100.

As características e os variados formatos das narrativas escravas, ainda que já tenham sido debatidos por historiadores/as, constituem campos de estudo mais sedimentados entre estudiosos/as da literatura nos Estados Unidos, além de outros campos do universo acadêmico de língua inglesa.⁵ Faz-se importante pontuar que são muitas as relações traçadas entre esse gênero literário e algumas perspectivas mais amplas da história da literatura afro-americana.⁶ O escopo de temas relacionados às particularidades desses textos é bastante vasto, considerando as datações e as tipologias propostas por diferentes estudiosos e estudiosas do campo; assim, aqui se objetivou introduzir, de maneira mais geral, apenas alguns traços comuns das narrativas escravas, principalmente nos Estados Unidos. Nesse sentido, não se pode deixar de fazer referência à pesquisa fundacional de Marion Wilson Starling (1907-1994), que defendeu sua tese de doutoramento pela Universidade de Nova York em 1946, com a compilação (e a localização) de mais de seis mil narrativas escravas, escritas ou encontradas entre 1703 e 1944. Os registros, como pontuou Starling, “[...] são para ser descobertos em processos judiciais, anotações marginais, impressos de natureza privada, jornais abolicionistas e outros volumes, além de periódicos acadêmicos, arquivos de igrejas, coleções não publicadas e algumas publicações regulares.”⁷ A referida pesquisa foi publicada em formato de livro a partir de 1981, com o título *Slave Narrative: Its Place in American History*.

Para além do mapeamento dos textos, a obra de Starling foi fundamental para a reflexão e ampliação dos parâmetros de conformação das narrativas escravas como gênero literário. A autora procurou, ao longo de sua trajetória, despertar o interesse acadêmico não apenas para o gênero literário como um todo, mas para aquelas narrativas menos conhecidas (ou desconhecidas), uma vez que os estudos mais aprofundados sobre o tema tendiam a privilegiar as narrativas

⁵ CUTTER, Martha J. **The illustrated slave: empathy, graphic narrative, and the visual culture of the transatlantic abolition movement, 1800-1852**. Atenas (Estados Unidos): University of Georgia Press, 2017.

⁶ ERNEST, John. African American literature and the abolitionist movement, 1845 to the Civil War. In: _____. **The Cambridge History of African American Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 91-115.

⁷ STARLING, Marion Wilson. **Slave Narrative: its place in American history**. Washington: Howard University Press, 1988, p. 11.

mais longas que haviam sido publicadas como livros, como, por exemplo, *Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, The African*,⁸ de 1789, ou *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave*, de 1845.

A publicação e circulação das narrativas escravas começam a se tornar mais comuns, nos Estados Unidos, na segunda metade do século XVIII,⁹ com forte presença de elementos da esfera religioso-cristã da experiência de escravizados e escravizadas.¹⁰ Assim, muitas das narrativas escravas publicadas por volta dos anos 1830, nos Estados Unidos, passaram a incorporar a questão da conversão (ou afirmação) para a fé cristã (protestante) como parte importante das características que compoariam o gênero literário. Posteriormente, para além das comunidades protestantes, majoritariamente batistas e metodistas, as organizações abolicionistas e ligadas à luta pelo fim do tráfico transatlântico passam a se interessar em publicar esse gênero de texto com o objetivo de instrumentalizá-lo em diferentes frentes das lutas políticas antiescravistas.¹¹

As memórias de Olaudah Equiano (1745-1797) constituem, talvez, a narrativa escrava de maior importância do século XVIII e a que, provavelmente, está entre as mais conhecidas até hoje. A importância de Equiano para o movimento abolicionista britânico, com sua impressionante trajetória, ainda hoje é inspiração de diversas pesquisas acadêmicas e publicações de altíssima qualidade, como é o caso da biografia de 2007, escrita pelo estadunidense Vincent Carretta.¹² Assim como a narrativa de Equiano, as do estadunidense Frederick Douglass

⁸ Faz-se importante notar que Vincent Carretta, entende que a obra de Equiano é fundadora do gênero da narrativa escrava. CARRETTA, Vincent. **Equiano, The African: Biography of Self-Made Man**. Nova York: Penguin, 2007, p. 13.

⁹ Marion Wilson Starling entende que a primeira narrativa escrava dos Estados Unidos é referente à vida de um escravo de nome Adam e está em um processo de 1703, no Condado de Suffolk, no atual estado de Massachussetts. STARLING, Marion Wilson. **Slave Narrative: its place in American history**. Washington: Howard University Press, 1988, p. 47.

¹⁰ Philip Gould destaca algumas exceções de narrativas escravas que não privilegiam a experiência religiosa (majoritariamente batista e metodista), como é o caso de *A Narrative of the Life and Adventures of Venture, A Native of Africa*, publicada pela primeira vez em 1798. GOULD, Philip. The Rise, Development, and Circulation of the Slave Narrative. In: _____. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 11-27.

¹¹ PIERCE, Yolanda. Redeeming bondage: the captivity narrative and the spiritual autobiography in the African American slave narrative tradition. In: _____. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 83-98.

¹² CARRETTA, Vincent. **Equiano, The African: Biography of Self-Made Man**. Nova York: Penguin, 2007.

(1818-1895) também se tornaram textos bastante conhecidos, já que Douglass se tornou um dos mais notáveis abolicionistas nos Estados Unidos, consagrando-se como um dos grandes nomes da intelectualidade afro-americana do século XIX.¹³

Outra contribuição extremamente importante (e fundacional) de Starling, nesse sentido, foi chamar a atenção para narrativas escravas de mulheres. Livros, como *Incidents in the Life of a Slave Girl*, de Harriet Jacobs (1815-1897)¹⁴, de 1861, ou *From Darkness Cometh the Light or Struggles for Freedom*, de Lucy Ann Delaney (1891)¹⁵, não alcançaram tanto reconhecimento quando lançados, mas se tornaram, posteriormente, textos fundamentais para o estudo de história da escravidão, até mesmo como forma de corrigir questões relacionadas à visão excessivamente masculina da história proveniente da maioria das narrativas escritas por homens.¹⁶

Para além dos livros abrangidos [pela obra de Starling], há uma enorme gama de testemunhos, incluindo mais de 10.000 páginas de entrevistas feitas no bojo do *Projeto Federal dos Escritores* [*Federal Writers' Project*] nos anos 1930 sob a égide da *Administração para o Progresso do Trabalho* [*Works Progress Administration*]. Os registros de narrativas escravas são, em outras palavras, extensos, variados e rico em testemunhos. Como se viu, a população afro-americana procurou mostrar de maneira extensa os graus de sua exclusão social e pouca representatividade na narrativa oficial da história dos Estados Unidos.¹⁷ (Tradução nossa).

A grande maioria dos relatos mais conhecidos foi, majoritariamente, escrita e publicada desde fins do século XVIII e no século XIX, no bojo do desenvolvimento dos movimentos abolicionistas. O *Federal Writers' Project*, mencionado por Ernest, foi uma iniciativa de ampla empregabilidade para escritores/as, editores/as, ilustradores(as), historiadores/as e outros/as profissionais, que aconteceu após a

¹³ BLIGHT, David W. **Frederick Douglass: Prophet of Freedom**. Nova York: Simon & Shuster, 2018.

¹⁴ SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro e ARIZA, Marília Bueno de Araújo. Narrativas de Mulheres Escravizadas nos Estados Unidos do Século XIX. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 179-198, 2019.

¹⁵ A falta de sucesso da narrativa escrava de Lucy Ann Delaney, faz-se necessário apontar, pode também se relacionar com o fato de que o referido gênero literário perdeu muito espaço editorial e interesse por parte do público leitor entre o fim da Guerra de Secessão, 1865, e a década de 1920.

¹⁶ ERNEST, John. Introduction. In: _____. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 1-19.

¹⁷ *Ibidem*, p. 4.

crise econômica simbolizada pela queda da bolsa de valores da cidade de Nova York em 1929. No bojo do referido projeto, entre 1936 e 1938, recolheram-se os testemunhos de cerca de 2.300 pessoas que haviam presenciado a escravidão nos Estados Unidos, bem como se compilou um acervo fotográfico expressivo. O que quisemos introduzir, até aqui, é que o gênero literário da narrativa escrava conta com numerosos testemunhos em forma de memórias autobiográficas e outros tipos de registro muito importantes para o desenvolvimento de estudos históricos interessados na perspectiva dos escravizados e escravizadas.¹⁸

A Narrativa Escrava como fonte histórica

O gênero literário da narrativa escrava, como se viu, já conta com expressivo número de trabalhos e pesquisas no contexto acadêmico de língua inglesa. Contudo, é possível a transposição de algumas chaves de análise para registros produzidos em português? Em outras palavras, existem narrativas escravas brasileiras?

Antes de tentarmos oferecer possíveis respostas a um questionamento tão amplo e complexo, convém pensar em algumas das diferenças entre a estruturação do escravismo no (Sul) dos Estados Unidos e do Brasil. De acordo com as estimativas do banco de dados digital *Slave Voyages*, a América Portuguesa e o que veio a compor o Brasil, entre os séculos XVI e XIX, 5.544.958 de africanas e africanos foram desembarcados neste lado do Atlântico. Desses, 3.075.088 chegaram antes de 1801, o que representa cerca de 56% do total. A soma de 2.460.561 entrou no Brasil entre 1801 e 1850, representando 44%. Por fim, apenas para ilustrar a permanência da força do escravismo luso-brasileiro no século das abolições, cerca 9.309 escravizadas e escravizados entraram no País entre 1850 e 1875, período posterior à aprovação da lei considerada final para o fechamento do tráfico, aprovada em setembro de 1850.¹⁹ Para Eltis e Richardson, é possível estimar com segurança que mais de 42% de todos os africanos e africanas

¹⁸ MUSHER, Sharon Ann. The Other Slave Narratives: The Works Progress Administration. In: _____. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 101-118.

¹⁹ Os números reproduzidos foram retirados do banco de dados digital *Slave Voyages*. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/american/database>. Acesso em: 28/11/2021.

que chegaram vivos às Américas foram desembarcados diretamente em portos brasileiros.²⁰ Para o historiador brasileiro Luiz Felipe de Alencastro — que tem outra interpretação do tráfico interamericano de escravos e contesta alguns dos números posteriores a 1850 — a estimativa estaria superior aos 45%, considerando todo o tráfico internacional de escravos.²¹

Tendo sido o Brasil a maior escravocracia das Américas, e a última nação a abolir legalmente a escravidão no continente, seria de se esperar, talvez, um número expressivo de narrativas escravas brasileiras. Contudo, a despeito do avançado campo de pesquisas historiográficas envolvendo diferentes aspectos da história da escravidão, tanto no campo dos estudos da história como entre os estudos literários, a investigação sobre as relações entre testemunhos e narrativas de escravizados e escravizadas (e mesmo no campo da literatura afro-brasileira) ainda parece constituir temas a serem mais bem desenvolvidos, a despeito dos grandes avanços recentes.²²

Como se vinha apresentando, dentre os formatos de maior sucesso editorial das narrativas escravas publicadas em inglês, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido, estão as memórias e os relatos autobiográficos publicados em forma de livro. A utilização da primeira pessoa do singular se mostrou um componente importante, dentre tantos outros, para a popularização do gênero.²³ De acordo com o autor:

²⁰ ELTIS, David e RICHARDSON, David. **Atlas of the Atlantic slave trade**. New Haven: Yale University Press, 2015, p. 109.

²¹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. In: __. **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 57-63.

²² FERREIRA, Lígia Fonseca. A voz negra na 'autobiografia': o caso de Luiz Gama In: __. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009, p. 227-236; PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 93-108, 2019; VIANA, Iamara da Silva, RIBEIRO NETO, Alexandre e GOMES, Flávio dos Santos. Escritos insubordinados entre escravizados e libertos no Brasil. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 155-177, 2019; GAMA, Luiz. **Liberdade 1880-1882** (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021; e GAMA, Luiz. **Democracia**. (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021

²³ GOULD, Philip. The Rise, Development, and Circulation of the Slave Narrative. In: FISCH, Audrey A. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.11-27, p. 37.

Talvez seja essa a razão do sucesso financeiro da *Narrativa Interessante* de Equiano. Como mostrou Vincent Carretta, Equiano teve bom tino comercial e manteve os direitos autorais sobre sua *Narrativa Interessante*, ao invés de transferir os riscos de insucesso das vendas para o editor (comumente também livreiro). Dentre as estratégias de distribuição de Equiano para sua *Narrativa Interessante* era também possível venda por assinatura, algo que não era incomum para a época [...] e que diminuía o risco de perda financeira. Consequentemente, a *Narrativa Interessante* de Equiano teve treze edições diferentes nos cinco anos que seguiram a primeira edição em Londres, em 1789. Foi também republicada em Nova York e traduzida para o holandês, o alemão e o russo. Por volta de 1850, a obra já tinha tido 36 edições. Comparativamente, a narrativa de Marrant deve ter tido cerca de dez reimpressões em 1785, primeiro ano de sua publicação e cerca de mais quarenta até meados do século XIX. O potencial econômico do gênero era de tal forma substancial que editoras pequenas frequentemente participavam na republicação de títulos que já haviam provado seu valor de mercado (Tradução nossa).²⁴

Os já referidos livros de Equiano e Douglass venderam dezenas de milhares de cópias enquanto ambos ainda eram vivos. Até o momento, as pesquisas sobre diferentes aspectos da escravidão no Brasil, entretanto, revelaram que são raros os relatos em primeira pessoa por parte de escravizados e escravizadas. Nesse sentido, dentre os poucos relatos que mais parecem se conformar aos parâmetros mais populares do gênero literário da narrativa escrava na língua inglesa, devemos citar as memórias de Mahommah Gardo Baquaqua que, embora concebidas e originalmente publicadas em inglês, nos Estados Unidos, em 1854, trazem os relatos do tráfico transatlântico e da experiência do trabalho como escravo no Brasil. Historiadores, como o africanista Paul Lovejoy, têm refletido sobre o caráter quase único das memórias de Baquaqua como documento histórico.²⁵

A aparente pouca – ou talvez nenhuma – oferta de memórias autobiográficas de pessoas exploradas como escravas e escravos, no Brasil, em nossa concepção, pode ser, pelo menos parcialmente, entendida a partir de uma miríade de fatores extremamente complexos. Entre esses fatores, por exemplo, é possível observar o

²⁴ GOULD, Philip. The Rise, Development, and Circulation of the Slave Narrative. In: FISCH, Audrey A. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.11-27, p. 22.

²⁵ LOVEJOY, Paul E. Identidade e a Miragem da Etnicidade a Jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 27, pp. 09-39, 2002.

impacto que as diferenças entre os movimentos abolicionistas estadunidenses (e britânicos) e aqueles do Brasil tiveram sobre a valorização do registro da memória da experiência escrava.

As narrativas escravas foram documentos de natureza profundamente política. Ainda que se possam encontrar diversas razões que estimularam suas escritas, elas foram todas publicadas para auxiliar na luta contra a escravidão. Com o crescimento do movimento abolicionista nos anos 1830, as narrativas se tornaram rapidamente os textos mais essenciais do movimento, posto que traziam luz para relatos de testemunhas que eram vítimas da realidade brutal da escravidão. A maioria dos autores e autoras eram eles mesmos ativistas do abolicionismo que vinham relatando suas histórias de vida no bojo de sua militância, antes da impressão de suas experiências. Essas pessoas, bem como outros abolicionistas, acreditavam que as narrativas tinham o potencial de realmente enfraquecer a instituição da escravidão (Tradução nossa).²⁶

As diferenças entre os movimentos abolicionistas do mundo atlântico de língua inglesa e o de língua portuguesa são incontáveis. Para além do interregno de muitas décadas entre as mais pungentes manifestações do abolicionismo do mundo de língua inglesa e o do Brasil, faz-se necessário considerar algumas das diferenças entre esses movimentos. Tanto para abolicionistas britânicos como norte-americanos, os relatos em primeira pessoa que transmitiam os horrores do tráfico transatlântico e da escravidão nas Américas foram, desde cedo, reconhecidos como ferramentas poderosas de sensibilização social para a causa abolicionista. Assim, os registros de memórias e relatos, muitas vezes, foram estimulados e tiveram seus custos de publicação financiados pelos próprios movimentos abolicionistas, principalmente a partir dos anos 1830.

Desde o início, a narrativa escrava pareceu ser um gênero bem-quisito dos dois lados do Atlântico, ainda que os valores exatos provenientes das vendas sejam de difícil cálculo para o século XVIII. Sabe-se, contudo, que entre os anos 1770 e 1810, as narrativas de Groniosaw, Marrant, e Equiano tiveram múltiplas

²⁶ BRUCE Jr., Dickson D. Politics and political philosophy in the slave narrative. In: _____. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 28-43, p. 28.

edições e, ao que tudo indica, foram sucessos de venda (Tradução nossa).²⁷

Para além das narrativas escravas, que crescem de mãos dadas com as lutas abolicionistas no mundo atlântico de língua inglesa, nasce também uma substantiva imprensa abolicionista, que circulou diferentes tipos de textos, escritos por numerosos intelectuais, refletindo sobre a questão da emancipação sob diferentes óticas e projetos políticos. Como nos mostrou o estudioso de literatura estadunidense Philip Gould, a recepção, a venda e a distribuição de diferentes narrativas escravas tiveram grande sucesso editorial no Reino Unido e na América do Norte ainda no século XVIII.

O sucesso das narrativas escravas no mundo atlântico de língua inglesa, especialmente nos Estados Unidos, principalmente entre as décadas de 1830 e 1860, carregaram a lógica de retroalimentação entre causa e consequência, no que se refere ao estímulo ao registro (e publicação) de memórias de experiências de escravidão, com um crescente e diverso público leitor que consumia, cada vez mais, os escritos dessa natureza. É possível que a falta ou pouca oferta desse tipo de narrativa, no mundo de língua portuguesa, possa ter, em parte, alguma relação com a constituição de um público leitor com interesses diferentes ou mesmo um mercado editorial bastante mais restrito, dentre outros tantos fatores.

Esses trabalhos eram publicados em Londres e, com o advento das editoras provinciais do século XVIII, foram posteriormente republicadas em lugares como Dublin e Edimburgo (e às vezes na América). A origem de seus sucessos se deve a muitos fatores: Um

²⁷ GOULD, Philip. The Rise, Development, and Circulation of the Slave Narrative. In: __. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p.21. Acredita-se que Ukawsaw Gronniosaw, também referido pelo nome de James Albert, foi o primeiro africano liberto a publicar suas memórias no Reino Unido, em 1772, com o título: *Narrative of the Most remarkable Particulars in the Life of James Albert Ukawsaw Gronniosaw, an African Prince, As related by himself* (Narrativa das Particularidades mais Notáveis na vida de James Albert Ukawsaw Gronniosaw, um Príncipe Africano, contada por ele mesmo, tradução nossa). Já John Marrant nasceu na cidade de Nova York, mas viveu parte de sua vida na região pesadamente escravista que viria a compor o Sul dos Estados Unidos, depois que a Revolução Americana (1765-1763) resultou na independência do país em relação à Grã-Bretanha. Marrant converteu-se ao cristianismo metodista e realizou incursões missionárias entre os escravos, antes de se ordenar oficialmente pastor. Também trabalhou na Nova Scotia, província no nordeste do atual Canadá, para onde foram transportados ex-escravos que apoiaram os britânicos no conflito de independência dos Estados Unidos. Suas memórias foram publicadas em 1785 com o título “*A Narrative of the Lord’s Wonderful Dealings with John Marrant, A Black*” (A Narrativa da União Maravilhosa entre o Senhor e John Marrant, um negro). (Tradução nossa).

mercado leitor evangélico, o tema do cativo e da escravização, o atrativo das narrativas marítimas e de aventura e, frequentemente, o atrativo proveniente do exótico. Em adição a todos esses fatores, essas narrativas combinavam múltiplos gêneros: o da autobiografia espiritual, o do relato de viagem, o da etnografia e da militância política, que se mesclavam aos discursos religiosos, de base sentimental e de estilo gótico. Essas narrativas eram flexíveis o suficiente para atrair simultaneamente diferentes públicos leitores²⁸(Tradução nossa).

Sem considerar Portugal, ao pensarmos brevemente na história da imprensa apenas na América Portuguesa, é notável que se trata de uma história bastante mais recente do que em outras regiões das Américas. Além disso, o que nos parece óbvio, no que se refere à Europa e a outros lugares das Américas:

[...] os papéis impressos feitos no Brasil surgiram mais tarde. Enquanto no continente europeu já existiam tipografias desde meados do século XV, nas Américas a atividade impressora (embora escassa) surge no século XVI, décadas após a chegada dos europeus. A imprensa periódica propriamente nasce no século XVII no chamado Velho Mundo e somente no século seguinte surge nas Américas inglesa e espanhola. Eram, ainda assim, iniciativas com defasagens em relação à Europa, sob vigilância e repressão das autoridades e aparecendo de forma esparsa. Nesse sentido, a experiência brasileira não foi destoante na América, embora só tenha surgido de forma sistemática a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia.²⁹

Ainda que a fundação oficial da tipografia da Imprensa Régia, em 1808, seja um marcador temporal importante para a presente reflexão acerca da falta ou pouca incidência de relatos em primeira pessoa de escravizados e escravizadas, em português, faz-se importante pontuar que havia uma circulação não desprezível de materiais impressos pela América Portuguesa antes do século XIX. Tais livros e textos, produzidos por autores nascidos no Novo ou no Velho Mundo, instigaram debates historiográficos profícuos, como nos mostrou o jornalista e historiador Marco Morel:

Por algum tempo historiadores debateram, sem chegar a conclusões efetivas, sobre a existência de prelos em Pernambuco

²⁸ *Ibidem*, p. 22.

²⁹ MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: _____. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21.

durante a ocupação holandesa no século XVII, prevalecendo a tendência de negar a presença dessa atividade no território pernambucano. Da mesma forma quase não ficou registro de um impressor que, em Recife, 1706, estampou letras de câmbio e orações devotas. E quarenta anos depois, no Rio de Janeiro, uma tipografia, de Antonio Isidoro da Fonseca, chegou a publicar quatro pequenas obras. Ambas as tentativas foram abortadas pela coerção das autoridades. Além dessas experiências tênues, vale lembrar as quatro tipografias instaladas pelos jesuítas no começo do século XVIII na região das Missões, no Sul do continente americano: localizavam-se próximas aos rios Paraná e Uruguai, em territórios que hoje pertencem à Argentina e ao Paraguai, área contígua às fronteiras com o Brasil. Os impressos aí produzidos por tipógrafos (que eram índios guaranis) circularam entre os demais aldeamentos, inclusive os situados em região hoje brasileira.³⁰

Ainda que a presença rarefeita de tipografias anteriores ao século XIX deva ser considerada como um fator importante — e que pode também explicar parcialmente a ausência de narrativas escritas em português antes do século XIX — é necessário reiterar que o caráter oficial e a censura sobre a importação de materiais impressos também permaneceram como características importantes no decorrer da história da imprensa no Brasil independente. O que se publicava e circulava no Brasil continuou a se desenvolver dentro de parâmetros bastante restritivos, o que teve grande impacto sobre a formação de um público leitor desses impressos:

As primeiras décadas do século XIX foram marcadas pela expansão do público leitor, das tiragens e do número de títulos, dando à escrita impressa uma crescente importância, apesar de ainda diminuta em relação ao total da população. A alfabetização era escassa, mas o rótulo de “elitismo” para a imprensa que surgia deve ser visto com cautela. Mesmo no Brasil escravista. Havia cruzamentos e interseções entre as expressões orais e escritas, entre as culturas letradas e iletradas. E a leitura, como nos tempos então recentes do Antigo Regime, não se limitava a uma atitude individual e privada, mas ostentava contornos coletivos. Nesse sentido, a circulação do debate político ultrapassava o público estritamente leitor, embora sua produção impressa fosse monopolizada por um conjunto restrito de redatores heterogêneos.³¹

³⁰ *Ibidem*, p. 22.

³¹ *Ibidem*, p. 39.

Contudo, mesmo com a emergência de jornais, revistas e outras publicações abolicionistas no Brasil, principalmente a partir dos anos 1860, a pouca ou nenhuma presença de textos que se pareçam com as narrativas escravas clássicas parece permanecer como padrão. Talvez, o espaço para as memórias e os relatos pessoais tivessem tomado outros formatos que não apenas esse semelhante ao da narrativa escrava de língua inglesa em primeira pessoa. É possível interpor o questionamento acerca da relação entre os movimentos abolicionistas no Brasil e a aparente ausência de interesse desses movimentos na promoção do registro de experiências escravas em formato de memórias ou relatos em primeira pessoa. As recentes pesquisas sobre o letramento entre escravos e escravas, com certeza, têm revelado e revelarão mais pistas sobre o tema em pesquisas futuras.³²

Talvez o potencial sensibilizador de tais textos não tivessem os efeitos sobre as camadas da sociedade brasileira que os abolicionistas estavam interessados em provocar. É necessário apontar que, conquanto muitos aspectos históricos de diferentes sociedades escravistas no mundo atlântico nos ofereçam possibilidades de refletir sobre elas de modo comparado e conectado, os aspectos que as diferenciam são da mesma ordem de importância.³³ Escolhemos explorar, de maneira não aprofundada, a questão da formação de mercado editorial para servir a um público leitor como um dos exemplos de hipóteses que a pesquisa mais ampla por trás deste artigo tem procurado examinar.

Luiz Gama e a Narrativa Escrava

No cerne desses questionamentos e hipóteses, a importância histórica e literária dos escritos de Luiz Gama são as que têm nos permitido desenvolver análises historiográficas de cunho comparado/conectado a partir de perspectivas encontradas nos estudos sobre as narrativas escravas em língua inglesa. Faz-se necessário pontuar que Gama foi autor de muitos textos em diferentes formatos,

³² MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e GOMES, Flávio dos Santos. Eles ficaram ‘embatucados’: seus escravos sabiam ler. In: __. **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravocrata**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017

³³ SUBRAHMANYAN, Sanjay. Holding the World in Balance: The Connected Histories of the Iberian Overseas Empires, 1500-1640. **The American Historical Review**, Oxford, Vol. 112, No. 5, p. 1359-1385, 2007.

como artigos jornalísticos para diferentes periódicos (alguns que ele ajudou a editar), cartas, peças jurídicas (ainda pouco exploradas) ou seu único livro de poesias.³⁴ Analisar sua obra, portanto, envolve o empreendimento de diferentes metodologias de análise e a necessidade de um maior conhecimento acerca de textos que ainda carecem de mais estudos. É impossível, contudo, em nossa concepção, estudar as diferentes séries de escritos de Gama sem fazer referência à obra de Lígia Fonseca Ferreira. Para além de suas análises, das quais partiremos para nossas reflexões, mais adiante, a possibilidade de conhecer melhor os escritos de Gama nos foi concedida por seu incansável trabalho de encontrar e reunir os textos em obras, como *Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas*³⁵ e *Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*.³⁶

Ferreira, já há muitos anos, vem apontando que Gama “[...] é um dos raros intelectuais negros do século XIX, autodidata e o único a ter passado pela experiência da escravidão.”³⁷ A autora também já havia refletido sobre alguns escritos de Gama enquanto produções literárias reveladoras de uma escrita de si e que permitem a percepção de seus relatos autobiográficos.³⁸

Tanto a obra poética de Gama quanto os artigos publicados nos principais órgãos de imprensa de São Paulo e da Corte são permeados por elementos autobiográficos. Porém, na diminuta

³⁴ CRUZ, Lizandra Julia Silva. Luiz Gama e a Escrita de Si: aproximações entre teorias da história. In: 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia, 2021, virtual. **Caderno de resumos do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia.** Rio de Janeiro: ANPUH-Brasil, 2021. p. 2297-2297. Faz-se necessário mencionar que pesquisas com essa temática têm sido desenvolvidas em nível de mestrado, sob minha orientação, por Lizandra Júlia Silva Cruz.

³⁵ GAMA, Luiz (Organização, apresentações e notas de FERREIRA, Lígia Fonseca). **Com a Palavra Luiz Gama:** poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

³⁶ GAMA, Luiz (FERREIRA, Lígia Fonseca). **Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro.** São Paulo: Edições SESC, 2021. Não podemos também deixar de citar a primorosa edição e preparação das **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas** (2000), por Lígia Fonseca Ferreira.

³⁷ FERREIRA, Lígia Fonseca. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. Revista Crioula (USP), São Paulo, v. 1, p. 1-20, 2012; FIGUEIREDO, Eurídice. Como fazer a autobiografia de um negro... e inovar. In: _____. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia.** São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009

³⁸ FERREIRA, Lígia Fonseca. A voz negra na ‘autobiografia’: o caso de Luiz Gama In: _____. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia.** São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009, p. 227-236

correspondência conhecida, pode-se apreender aspectos mais íntimos e reveladores da “alma” de um homem que sempre se colocou como protagonista e agente da História com a qual se entrelaçava sua vida — vida que, particularmente numa carta, ele próprio se encarregou de contar.³⁹

Não podemos deixar de pontuar, ainda, que mais de 500 textos inéditos de Gama estão sendo editados por Bruno Rodrigues de Lima em parceria com a Editora Hedra. Dos mais de 10 volumes prometidos, dois foram disponibilizados recentemente para compra.⁴⁰ Também não podemos deixar de citar que o filme, de 2021, *Doutor Gama*, dirigido por Jeferson De, é um forte indicativo de que o reconhecimento de Gama como um dos grandes intelectuais negros brasileiros tem conquistado públicos mais amplos, fora do universo acadêmico.

Dentre os diferentes escritos de Gama, talvez um dos mais conhecidos e que guarda grandes semelhanças com o gênero da narrativa escrava, de 1880, é sua carta, na qual narra sua trajetória de vida ao amigo (também poeta e escritor) Lúcio de Mendonça (1854-1909). Segundo a referida carta, Gama nasceu “na cidade de S[ã]o Salvador, Bahia, às 7 horas da manhã do dia 21 de junho de 1830, dando ênfase a sua origem este destaca que seu nascimento aconteceu em “um sobrado da rua do Bângala [...]”, na freguesia de Sant’Ana.⁴¹ Destaca, também, que sua mãe fora uma africana livre e que seu pai era um fidalgo português. Gama se diz filho de Luiza Mahin, mas o nome do pai optou por ocultar. Não é possível, neste artigo, adentrarmos a análise acerca da historicidade de Mahin, ainda que esse esteja entre os temas que receberam mais atenção nas pesquisas mais amplas.⁴²

³⁹ GAMA, Luiz; FERREIRA, Lígia Fonseca. **Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edições SESC, 2021, p. 2.

⁴⁰ GAMA, Luiz. **Liberdade 1880-1882** (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021; e GAMA, Luiz. **Democracia**. (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021.

⁴¹ O documento original encontra-se na Biblioteca Nacional e os trechos utilizados nesta análise foram retirados da reprodução para coletânea de Ferreira de 2011, e de seu artigo FERREIRA, Lígia Fonseca. Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. **Teresa**, São Paulo, p. 300-321, 2008.

⁴² Ver REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835* (Edição revista e ampliada). 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 301-305; e AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 36-37.

Nos trechos iniciais da carta a Mendonça, Gama traz, com poucos detalhes, alguns aspectos da vida de seus pais que nos permitem inferir uma série de questões acerca de sua visão sobre suas origens. Como aponta Fonseca, “[...] ao evocar sua filiação, Gama se apresenta como um típico brasileiro, fruto do ‘casamento’ (ao menos, simbólico) entre África e Portugal, e sugere ter herdado de seus pais, e de sua mãe sobretudo, traços de sua indómita personalidade.”⁴³ Sobre isso, narrou Gama:

Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina, (Nagô de Nação) de nome Luíza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao comércio - era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do Dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou.⁴⁴

Com base no que nos conta Gama na referida carta, bem como em outros escritos, sua mãe — ainda que o autor não mencione abertamente sobre o envolvimento dela em movimentos políticos de insurreição escrava — havia, supostamente, sido presa por suspeita de tais atividades, que poderiam ter envolvido a Revolução dos Malês (1835) e a Sabinada (1837-38). Em tom diferente da narrativa sobre a mãe, Gama escolhe por ocultar seu nome por dever “[...] poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa.”⁴⁵ Também descreve que seu pai era católico e o batizou na Igreja Matriz do Sacramento em Itaparica quando tinha 8 anos de idade. Por não haver, nos arquivos diocesanos, qualquer certidão de nascimento que comprovasse seu nome e filiação, Ferreira aponta que “[...] sua

⁴³ FERREIRA, Ligia Fonseca. **Luiz Gama por Luiz Gama**: carta a Lúcio de Mendonça. Teresa, São Paulo, p. 300-321, 2008, p. 304.

⁴⁴ GAMA, Luiz In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 199-200.

⁴⁵ GAMA, Luiz In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 200.

verdadeira identidade fica, assim, envolta em certo mistério, por ele cultivado ao ocultar deliberadamente o nome do pai.”⁴⁶

Ainda durante sua infância, Gama nos faz saber que, supostamente, sua mãe tenha ido para o Rio de Janeiro e que, depois disso, nunca mais se soube notícias dela. Aos cuidados de seu pai, acabou por ser vendido como escravo em 1840, pois, como narra, os hábitos boêmios do pai haviam levado ao acúmulo de dívidas que ele esperava quitar com a venda do filho. Como será visto posteriormente, Gama sustentou juridicamente sua venda como ilegal, posto que havia nascido livre. Observa-se essa prática no seguinte trecho:

Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas, e muito melhor de baralho, amava as súbias e os divertimentos: esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e reduzido à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, seu amigo inseparável e hospedeiro, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem, na cidade da Bahia, estabelecida em um sobrado de quina, ao largo da praça, vendeu-me, como seu escravo, a bordo do patacho “Saraiva”.⁴⁷

Depois de vendido ilegalmente, Gama desembarcou no Rio de Janeiro, em 1840, de onde seguiu até Santos, na Província de São Paulo, e descreve o trajeto até a cidade de Campinas (que fica a mais de 150 quilômetros da costa): “[...] tinha eu apenas 10 anos; e, a pé fiz toda a viagem de Santos a Campinas.” Uma vez em Campinas, relata não ter sido comprado por nenhum senhor de escravos em razão de ser baiano, “ou seja, rebelde.”⁴⁸ “Fui escolhido por muitos compradores, nesta cidade, em Jundiaí e Campinas; e, por todos repellido, como se repelem coisas ruins, pelo simples fato de ser eu baiano”. Foi, então, levado à cidade de São Paulo como uma espécie de “refugio” e ficou trabalhando para Antônio Pereira Cardoso, que não o conseguira vender. No cotidiano da escravidão urbana e doméstica, Gama

⁴⁶ GAMA, Luiz, 1830-1882. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. Edição preparada por Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes 2000, p. LXXIV.

⁴⁷ GAMA, Luiz *In*: __. **Com a palavra, Luiz Gama**: poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 200.

⁴⁸ GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. Edição preparada por Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. LXXV.

nos narra sobre suas obrigações de limpeza da casa e o tratamento com as roupas: “Aí aprendi a copeiro, a sapateiro, a lavar e engomar roupa e costurar.”⁴⁹

A partir de suas experiências escravas e seus contatos dentro e fora da casa de Cardoso, Gama começou a construir sua ascensional trajetória intelectual na sociedade escravista em que estava inserido, e onde, em circunstâncias adversas, acabou por conquistar espaço e notoriedade. Em 1847, ainda escravo, com cerca de 17 anos de idade, Gama nos narra o início de seu processo de letramento, com a ajuda de Antônio Rodrigues do Prado Júnior, estudante do curso de Direito e hóspede na casa de Cardoso, como nos explica Ferreira:

[...] um estudante residente na casa de seu senhor que o ensina a ler e a escrever, Luiz Gama, qual prometeu, empreendeu uma prodigiosa conquista do saber e da palavra que lhe devolvem a liberdade e constroem o improvável destino de um ex-escravo, no Segundo Reinado: o destino de um homem “letrado” cuja voz se fez ouvir na sua cidade, na sua província e na sua nação”. (FERREIRA, 2011, p. 17).

No ano seguinte, Gama foge da escravidão: “Em 1848, sabendo eu ler e contar alguma coisa, e tendo obtido arditosa e secretamente provas inconcussas de minha liberdade, retirei-me fugindo, da casa do alferes Antônio Pereira Cardoso, que aliás votava-me a maior estima, e fui assentar praça.” Alista-se, logo depois, na Guarda Municipal de São Paulo, onde dois anos mais tarde se torna praça do Conselheiro Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça, chefe de polícia e “catedrático” da Faculdade de Direito, fundada em 1827.⁵⁰ Para Gama, sua relação com Furtado de Mendonça parece compreender o período de transição de sua infância para a vida adulta (em liberdade): “Desde que me fiz soldado, comecei a ser homem; porque até os dez anos fui criança; dos dez aos dezoito anos fui soldado.”⁵¹ A relação entre infância e a experiência da escravidão faz parte de algumas das características que temos procurado compreender melhor em outros escritos sobre si de Gama.

⁴⁹ GAMA, Luiz. *In*: ___. **Com a palavra, Luiz Gama**: poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 200

⁵⁰ *Ibidem*, p. 202-203.

⁵¹ GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. Edição preparada por Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. LXXV.

Gama serviu na Guarda Municipal de São Paulo durante seis anos; nesse período, foi acusado de insubordinação por enfrentar um oficial que o insultara. A punição consistiu em sua prisão por 39 dias, e pôs fim a sua carreira militar. Trabalhou, depois, como copista nas horas vagas e, mais tarde, entre 1856 e 1968, foi nomeado amanuense (funcionário de repartição pública que era copista e responsável pelas correspondências da Secretaria de Polícia de São Paulo). Nesse cenário, começou a construir sua inserção no “mundo das letras” e da elite intelectual da época, principalmente aquela parte da elite que frequentava o curso de direito na cidade de São Paulo. Esta inserção e primeira “[...] grande manifestação pública de Luiz Gama [...]”, segundo a historiadora Elciene Azevedo, é representada pela publicação (pela primeira vez, em 1859) de seu único livro de poemas, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, que foi “[...] um instrumento que deu vazão, dentro do mundo letrado, aos seus primeiros posicionamentos políticos diante das relações raciais que se davam sob a égide da escravidão.”⁵² Na esfera pública, enquanto intelectual, Gama se colocou como “[...] um contraexemplo das crenças pseudocientíficas de seu tempo, segundo as quais os negros não eram capazes de compreender ou produzir as belas coisas do espírito.”⁵³

Na esfera privada, sabemos que, em 1859, nasceu seu único filho, Benedito Graco Pinto da Gama, fruto de sua união com Claudina Fortunata Sampaio.⁵⁴ Em carta a José Carlos Rodrigues, de novembro de 1870, Gama faz referência ao casamento e a Claudina.⁵⁵ A esfera familiar evidencia mais um aspecto da “[...] vida turbulenta e multifacetada [...]”⁵⁶ de Gama, que nos é possível acessar, em alguma

⁵² AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha**: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 31.

⁵³ GAMA, Luiz. In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 17.

⁵⁴ MUNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 51.

⁵⁵ GAMA, Luiz. In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 196.

⁵⁶ FERREIRA, Lígia Fonseca. A voz negra na ‘autobiografia’: o caso de Luiz Gama In: ___. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009.

medida, por outros documentos, como uma carta escrita ao filho em setembro de 1870.⁵⁷

Em anotação de Ferreira, sabemos que essa carta ao filho, possivelmente só se tornou conhecida no século XX, publicada por Pedro Calmon, em 1930 e reproduzida em uma das primeiras biografias conhecidas de Gama, escrita por Sud Mennucci, de 1938.⁵⁸ A carta a Benedito reúne alguns conselhos de Gama, que podem ser pensados a partir de uma multiplicidade de aspectos relacionados à forma com que Gama narra as fragilidades que acompanhavam a vida em liberdade em uma escravocracia como a brasileira, uma vez que, no último parágrafo, consta: “Lembra-te que escrevi essas linhas em um momento supremo, sob a ameaça de assassinato. Tem compaixão dos teus inimigos, como eu compadeço-me dos meus.”⁵⁹

Contrapondo com a já referida carta a Rodrigues, escrita meses depois da carta a Benedito, Gama se descreve: “Sou detestado pelos figurões da terra, que me puseram a vida em risco, mas sou estimado e muito pela plebe. Quando fui ameaçado pelos grandes, que hoje encaram-me com respeito, e admiram minha tenacidade, tive a casa rondada e guardada pela gentalha”.⁶⁰ A Benedito, Gama recomenda: “Tu evita a amizade e as relações dos grandes homens; porque eles são como oceano que se aproxima das costas para corroer os penedos”, talvez em referência à íntima — e inseparável — relação entre o poder social, por menor que seja, e a escravidão no Brasil que se aproximava à tumultuada década de 1870.⁶¹

Apontamentos para futuras frentes de pesquisa

As cartas destacadas, bem como uma série de outros escritos de Luiz Gama que transitaram nos mais diversos setores do império brasileiro, foram

⁵⁷ GAMA, Luiz. In: GAMA, Luiz. In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 193.

⁵⁸ MENUCCI, Sud. **O Precursor do Abolicionismo no Brasil**: Luiz Gama. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

⁵⁹ GAMA, Luiz. In: GAMA, Luiz. In: ___. **Com a palavra, Luiz Gama**: poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 193.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 196. SOMBREADO/COR

⁶¹ *Ibidem*. Ver também MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Corpo, Gênero e Identidade no Limiar da Abolição: a história de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Ovídia, escrava (sudeste, 1880). **Afro-Ásia**, Salvador, v. 42, p. 157-193, 2010.

fundamentais para fincar seu papel histórico naquela sociedade, e “[...] seu caso assemelha-se ao dos afro-americanos como Harriet Jacobs, Frederick Douglass e Williams Well Brown, para os quais a conquista do saber acompanhou-se da conquista da liberdade [...]”, como já vem nos anunciando Lígia Ferreira.⁶²

Para além das semelhanças que Ferreira já vem nos apontando entre a escrita de si de Gama e as narrativas escravas estadunidenses, acreditamos ser interessante ler alguns de seus escritos sob a luz de uma já estabelecida área da historiografia e da história da literatura afro-americana, uma vez que os teóricos e teóricas de língua inglesa já vêm acumulando interessantes discussões sobre os mais variados aspectos históricos e literários desse tipo de narrativa. Os historiadores Henry Louis Gates Jr. e Charles Davis, por exemplo, nos ensinam:

Aprender a ler a escrever, naquela época, não era apenas difícil, era contra a lei. Algo sobre o que Frederick Douglass, Thomas Smallwood, William Wells Brown, Moses Grandy, James Pennington e John Thompson, entre muitos outros, se manifestaram abertamente sobre a relação direta entre liberdade e discurso, apenas comprova a relação dialética que correlaciona um texto negro a um ‘contexto’, definido aqui como de outra natureza (racista), contra os quais as narrativas, por definição, eram forçadas a reagir.⁶³ (Tradução nossa).

A experiência de letramento de Frederick Douglass, primeiramente narrada em sua já referida obra de 1845, guarda muitas semelhanças com a experiência que nos conta Gama (na carta a Mendonça). Como já nos ensinou Ferreira⁶⁴, destarte, inserir a obra de Gama entre as fundadoras de uma história da literatura afro-brasileira parece ser, sem dúvida, uma questão a ser mais bem explorada por cada vez mais estudiosos e estudiosas do Brasil. Por exemplo, as narrativas e outros textos de Douglass, há muitas décadas, têm sido analisados dentro da perspectiva do abolicionista como um dos pioneiros e grandes nomes da intelectualidade, do pensamento e da literatura afro-americana do século XIX.

⁶² FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama autor, leitor, editor: revisitando as Primeiras Trovas Burlescas de 1859 e 1861. **Estudos Avançados** (USP), São Paulo, v. 33 n. 96, p. 109-135, 2019m p. 111.

⁶³ GATES Jr, Henry Louis e DAVIS, Charles Twitchell. **The Slave’s Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 198, p. XXV.

⁶⁴ FERREIRA, Ligia Fonseca. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. **Revista Crioula** (USP), São Paulo, v. 1, p. 1-20, 2012.

Na mesma direção, as reflexões contidas no dossiê *Tinta Negra, Papel Branco: escritas afrodescendentes e emancipação*, organizado pela historiadora Maria Helena Pereira Machado para o número 96 da revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), de 2019, pensar a escravidão (a abolição e o pós-abolição) buscando o ponto de vista dos escravizados e escravizadas:

Ao analisar a escrita de escravos e escravas norte-americanos, Christopher Hager se utilizou de uma imagem muito eloquente: a de espargir tinta negra em uma folha de papel branca. Tal representação alude a complexos processos sociais vivenciados por homens e mulheres negros para se apropriar da escrita, confrontando o mundo letrado com novas vozes narrativas. Nesse contexto, o escrever surge impregnado da experiência de exclusão e de sua negação, tornando-se, assim, um ato de emancipação. Embora tenhamos nos acomodado à certeza de que a sociedade brasileira, pouco letrada no geral, apenas raramente produziu escritos pessoais e relatos de vida do punho de pessoas comuns, muito menos ainda de escravos, libertandos, libertos e pessoa negras livres, atualmente podemos desvelar outra realidade. Embora escassos, já foram localizados muitos textos de autoria de homens e mulheres afrodescendentes, que documentaram a existência de vozes narrativas inéditas.⁶⁵

O interesse e a busca por novas vozes narrativas negras, falando de dentro do escravismo brasileiro, têm muito a contribuir para a ampliação de nosso entendimento histórico e literário da agência negra num mundo de letras que pareceu e ainda parece excluir, em alguma medida, pontos de vistas não-brancos.

De qualquer maneira, faz-se necessário voltarmos-nos à concepção de Starling⁶⁶ que entendeu que o gênero da narrativa escrava, sem dúvida, era composto por muitos diferentes tipos de registro e textos. Nesse sentido, ainda que os arquivos brasileiros tenham rendido poucos documentos históricos que parecem se encaixar em uma perspectiva mais restritiva da narrativa escrava, que

⁶⁵ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados* (USP), São Paulo, v. 33, n. 96, p. 93-108, 2019, p. 93.

⁶⁶ STARLING, Marion Wilson. *Slave Narrative: its place in American history*. Washington: Howard University Press, 1988.

são as memórias autobiográficas, para além dos escritos de Gama, as biografias e microbiografias escravas têm sido objeto de pesquisa e estudo há muitos anos.⁶⁷

A densa historiografia sobre a escravidão brasileira, destarte, tem procurado encontrar a voz (narrativa) de escravizados e escravizadas em uma ampla gama de tipos de registro. O cotidiano escravo e as formas como cativas e cativos articulavam a experiência da escravidão, no Brasil, podem ser encontrados em obras como *O Alufá Rufino: Tráfico, Escravidão e Liberdade no Atlântico Negro (1822 – 1853)*, dos historiadores João José Reis, Flávio dos Santos Gomes e Marcus Joaquim de Carvalho⁶⁸ ou *Caetana diz Não: História de mulheres da sociedade escravista brasileira*, de Sandra Lauderdale Graham.⁶⁹ Caetana foi uma escrava paulista que pediu, juridicamente, a anulação de seu casamento. Sua fala nos é dada a conhecer a partir de seus testemunhos registrados pelo escrivão. A mediação do escrivão e outros interlocutores sempre deve ser problematizada quando se procura pela narrativa de Caetana nas muitas páginas do processo. Ainda assim, encontramos sua agência e patente resistência em todos os registros. Também a partir de fontes policiais e judiciárias, conhecemos a história de Ambrosina, que foi forçada a ser ama-de-leite e, depois, acusada de matar sufocado o bebê da família branca, dentre outros escravizados e escravizadas que tiveram partes de suas vidas reconstituídas pela historiadora Maria Helena Machado.⁷⁰

A procura pelas vozes narrativas de escravizados e escravizadas, conquanto seja um empreendimento difícil em face das fontes documentais mais

⁶⁷ VIANA, Iamara da Silva, RIBEIRO NETO, Alexandre e GOMES, Flávio dos Santos. Escritos insubordinados entre escravizados e libertos no Brasil. **Estudos Avançados** (USP), São Paulo, v. 33, n. 96, p. 155-177, 2019. Ver também MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados** (USP), São Paulo, v. 33, n. 96, p. 93-108, 2019.

⁶⁸ REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (1822-1853)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

⁶⁹ GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz Não: História de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁷⁰ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Between two Beneditos: enslaved wet-nurses amid slavery's decline in southeast Brazil. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 320-336, 2017, p. 9. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e GOMES, Flávio dos Santos. Eles ficaram 'embatucados': seus escravos sabiam ler. In: _____. **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravocrata**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados** (USP), São Paulo, v. 33, n. 96, p. 93-108, 2019; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Crime e Escravidão**. 3. ed. São Paulo: EDUDSP, 2018.

conhecidas, tem se provado única na compreensão das experiências pessoais e coletivas de cativos e cativas. No clássico texto do historiador Stuart B. Schwartz, no qual apresenta a tradução de três documentos da Bahia dos 1790, encontra-se uma carta de um grupo de fugitivos e fugitivas do Engenho de Santana, que se encontravam aquilombados sem que se conseguisse pôr fim aquele mocambo.⁷¹ A lista de demandas revelou e ainda pode revelar incontáveis aspectos fascinantes sobre algumas das experiências escravas no Brasil que propunham ao senhor uma detalhada revisão das formas de trabalho, bem como seus desejos de “Poderemos brincar, folgar, e cantar em todos os tempos que quisermos (*sic*), sem que nos empeça, e nem seja preciso licença”⁷²

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. In: SCHWARTZ, Lília Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 57-63.

ANDREWS, William Slave Narratives, 1865-1900. In: ERNEST, John (Org.). **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 219-233.

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 36-37.

BLIGHT, David W. **Frederick Douglass: Prophet of Freedom**. Nova York: Simon & Shuster, 2018.

BRUCE Jr., Dickson D. Politics and political philosophy in the slave narrative. In: FISCH, Audrey. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CARRETTA, Vincent. **Equiano, The African: Biography of Self-Made Man**. Nova York: Penguin, 2007, p. 13.

CUTTER, Martha J. **The illustrated slave: empathy, graphic narrative, and the visual culture of the transatlantic abolition movement, 1800-1852**. Atenas (Estados Unidos): University of Georgia Press, 2017.

⁷¹ SCHWARTZ, Stuart B. Resistance and Accommodation in Eighteenth-Century Brazil: The Slaves' View of Slavery. **The Hispanic American Historical Review** (Duke University), Durham, v. 57, n. 1, p. 69-81, Fev 1977, p. 80-81.

⁷² Schwartz, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: EDUSC, 2001, pp. 113-15.

ELTIS, David e RICHARDSON, David. **Atlas of the Atlantic slave trade**. New Haven: Yale University Press, 2015, p. 109.

ERNEST, John. African American literature and the abolitionist movement, 1845 to the Civil War. In: GRAHAM, Maryemma e WARD JR, Jerry W. **The Cambridge History of African American Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 91-115.

ERNEST, John. Introduction. In: __. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 1-19.

ERNEST, John. Introduction. In ERNEST, John (Org.). **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 1-19.

ERNEST, John. **Liberation Historiography: African American Writers and the Challenge of History, 1794-1861**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. Teresa**, São Paulo, p. 300-321, 2008, p. 304.

FERREIRA, Ligia Fonseca (Org.). **Com a palavra, Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

FERREIRA, Lígia Fonseca. A voz negra na 'autobiografia': o caso de Luiz Gama In: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; e IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Ethos, poética e política nos escritos de Luiz Gama. **Revista Crioula (USP)**, São Paulo, v. 1, p. 1-20, 2012.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama autor, leitor, editor: revisitando as Primeiras Trovas Burlescas de 1859 e 1861. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33 n. 96, p. 109-135, 2019.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. **Teresa**, São Paulo, p. 300-321, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. Como fazer a autobiografia de um negro... e inovar. In: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; e IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: AnnaBlume, Fapesp e FFLCH-USP, 2009.

FERREIRA, Lígia Fonseca. **Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gana na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edições SESC, 2021.

FERREIRA, Lígia Fonseca (Ed). **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. São Paulo: Edusp, 2000.

FERREIRA, Lígia Fonseca (Ed.). **Lições de Resistência: Artigos de Luiz Gana na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edições SESC, 2021.

GAMA, Luiz. **Democracia**. (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021.

GAMA, Luiz. **Liberdade 1880-1882** (Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas). São Paulo: Hedra, 2021.

GATES Jr, Henry Louis e DAVIS, Charles Twitchell. Introduction: The Language of slavery. In: GATES Jr, Henry Louis e DAVIS, Charles Twitchell. **The Slave's Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. xi-xxxiv

GLEDHILL, Helen Sabrina. Travessias Racialistas no Atlântico Negro: Reflexões Sobre Booker T. Washington e Manuel R. Quirino, 2014, Tese (Doutorado Multidisciplinar do Programa de Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia.

GOULD, Philip. The Rise, Development, and Circulation of the Slave Narrative. In: FISCH, Audrey. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 11-27.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz Não: História de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JENSEN, Deborah. **Beyond the slave narrative: politics, sex and manuscripts in the Haitian Revolution**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a Miragem da Etnicidade a Jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 27, pp. 09-39, 2002.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e GOMES, Flávio dos Santos. Eles ficaram 'embatucados': seus escravos sabiam ler. In: Marcelo Mac; ARAÚJO, Carlos Eduardo Magalhães Moreira de; e GOMES, Flávio do Santos. (Orgs.). **Rascunhos cativos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Between two Beneditos: enslaved wet-nurses amid slavery's decline in southeast Brazil. **Slavery & Abolition**, v. 38, n. 2, p. 320-336, 2017.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Corpo, Gênero e Identidade no Limiar da Abolição: a história de Benedicta Maria Albina da Ilha ou Ovídia, escrava (sudeste, 1880). **Afro-Ásia**, Salvador, v. 42, p. 157-193, 2010.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Crime e Escravidão**. 3. ed. São Paulo: EDUDSP, 2018.

REIS, Maria FIRMINA (MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo e GOMES, Flávio dos Santos). **Úrsula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 93-108, 2019.

MOLINA, Diego A. Luiz Gama. A vida como prova inconcussa da história. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 32, n. 92, p. 147-165, 2018.

MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MUNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

MUSHER, Sharon Ann. The Other Slave Narratives: The Works Progress Administration. *In*: ERNEST, John (Org.). **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 101-118.

NORTHUP, Solomon. **12 years a slave**. Londres: Penguin Books, 2016.

PIERCE, Yolanda. Redeeming bondage: the captivity narrative and the spiritual autobiography in the African American slave narrative tradition. *In*: __. FISCH, Audrey. **The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 83-98.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835** (Edição revista e ampliada). 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (1822-1853)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro e ARIZA, Marília Bueno de Araújo. Narrativas de Mulheres Escravizadas nos Estados Unidos do Século XIX. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 179-198, 2019.

SCHWARTZ, Marie Jenkins. The WPA Narratives as Historical Sources. *In: ____*. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 89-100.

SCHWARTZ, Marie Jenkins. The WPA Narratives as Historical Sources. *In: ERNEST, John (Org.)*. **The Oxford Handbook of the African American Slave Narrative**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 89-100.

SCHWARTZ, Stuart B. Resistance and Accommodation in Eighteenth-Century Brazil: The Slaves' View of Slavery. **The Hispanic American Historical Review** (Duke University), Durham, v. 57, n. 1, p. 69-81, Fev 1977, p. 80-81.

Schwartz, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: EDUSC, 2001.

STARLING, Marion Wilson. **Slave Narrative: its place in American history**. Washington: Howard University Press, 1988.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. Holding the World in Balance: The Connected Histories of the Iberian Overseas Empires, 1500-1640. **The American Historical Review**, Oxford, Vol. 112, No. 5, p. 1359-1385, 2007.

VIANA, Iamara da Silva, RIBEIRO NETO, Alexandre e GOMES, Flávio dos Santos. Escritos insubordinados entre escravizados e libertos no Brasil. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 155-177, 2019.

Recebido: 13/12/2021
Aprovado: 06/01/2022